

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



MEMÓRIA: TEORIA E PRÁTICA EM UMA ANTIGA ESCOLA AGROTÉCNICA FEDERAL DO SUL DE MINAS

Raquel Puttini

Aluna do Curso Técnico em Alimentos

IFSULDEMINAS – Câmpus Inconfidentes – MG

Bolsista GPPEX – IFSULDEMINAS

Roberto Marin Viestel

IFSULDEMINAS – Câmpus Inconfidentes – MG

Doutorando PPGE/UNISO

Bolsista Capes / Prosup

RESUMO

O presente texto faz uma reflexão sobre alguns conceitos de memória sob a perspectiva do debate historiográfico e autores clássicos. Alavancamos definições e procuramos, na maioria das vezes, relacionar os conceitos com o trabalho que estamos realizando em nossa escola, um campus técnico e tecnológico federal de ensino: notadamente a construção da história de uma antiga escola agrotécnica na narrativa de professores, técnicos administrativos e alunos, bem como a categoria de ex-integrantes destas configurações sociais.

Na segunda parte do trabalho fazemos apontamentos dos conceitos que envolvem a memória e colocamos algumas impressões de como a teoria tem se relacionado com a prática, seja por afinidade, seja por estranhamento.

Nosso trabalho é desenvolvido na Universidade de Sorocaba (UNISO), no Programa de Pós-Graduação em Educação, na Linha de Pesquisa História e Historiografia: Políticas e Práticas Escolares, sob a orientação do Prof. Dr. Wilson Sandano. Cabe destacar que nosso grupo de estudos tem muito contribuído para a reflexão entorno das questões que envolvem a história da educação brasileira. Fica aqui nosso agradecimento, sobretudo às professoras Jane Soares de Almeida e Vânia Regina Boschetti, bem como ao professor Jefferson Carriello do Carmo.

PALAVRA-CHAVE: memória; ensino tecnológico; ensino agrícola.



MEMÓRIA TEÓRICA

Encontramos dezesseis significados para a palavra **memória** no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (FERREIRA, 1986, pg 1.117). Ora a palavra apresenta-se como sinônimo feminino, ora como verbo, termo antigo ou – na acepção moderna – na área de processamento de dados. Memória, segundo algumas definições, é a “(1) faculdade de reter ideias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente”; “(2) lembrança, reminiscência, recordação”; “(3) celeridade, fama, nome”; “(4) monumento comemorativo”; “(5) relação, relato, narração”; (8) “vestígio, lembrança, sinal”. Segundo um site de etimologia, a palavra tem origem no latim: **memoria**, de **memor**, “aquele que se lembra”, de uma raiz Indo-Europeia MEN-, “pensar”, que nos deu também “mente” (<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/memoria>);

Para o professor de história antiga da Universidade de São Paulo, Norberto Luiz Guarinello, em conferência proferida no I Congresso de Ciências Humanas das Universidades Federais de Minas Gerais, em São João Del Rei, em maio de 1993, a etimologia da palavra, como já afirmado aqui, vem do latim, preservando dois sentidos em nossa língua: a) “(memória) é algo que não está em lugar algum, porque ocupa e preenche todos os lugares; b) (memória é) um princípio ativo, um trabalho” (GUARINELLO, 1993, pg. 187). Já, segundo Maria Luisa Schmidt e Miguel Mahfoud, ambos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, analisando o trabalho de Halbwachs, “o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, um trabalho do sujeito” (MAHFOU & SCHMIDT, 1993, pg.288). Halbwachs inaugura o conceito de **memória coletiva**, onde o grupo passa a ser referência para aquele indivíduo que já compartilha o pensamento com a comunidade, identificando-se e confundindo-se com seu passado.



“O grupo está presente para o indivíduo não necessariamente, ou mesmo fundamentalmente, pela sua presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modos de pensamento e a experiência comum próprios do grupo. A vitalidade das relações sociais do grupo dá vitalidade às imagens, que constituem a lembrança. Portanto, a lembrança é sempre fruto de um processo coletivo e está sempre inserida num contexto social preciso” (MAHFOU & SCHMIDT, 1993, pg.288).

Jacques Le Goff, em “História e Memória” (LE GOFF, 2003), faz uma reflexão sobre o estudo histórico da **memória histórica**, estabelecendo diferenças entre sociedades essencialmente orais e sociedades escritas, onde cita Jack Goody que desenvolve a ideia de uma “domesticação do pensamento selvagem”, assim, Le Goff estabelece o conceito de memória histórica e divide esta em cinco partes:

“1) a memória étnica nas sociedades sem escrita, ditas “selvagens”; 2) o desenvolvimento da memória da Pré-História à Antiguidade; 3) a memória medieval, em equilíbrio entre o oral e o escrito; 4) os progressos da memória escrita, do século XVI aos nossos dias e, por fim, 5) os desenvolvimentos atuais da memória” (LE GOFF, 2003, pg. 427).

A memória étnica como, aponta o autor, estaria no campo de memórias dos grandes feitos, mitos, gerados pelos homens e transmitidos oralmente entre gerações. A cultura étnica diz respeito à memória antes da escrita, dependendo o historiador de fragmentos da história para a tentativa de reconstituição da memória dos povos (exemplo: os povos indígenas, a pintura



rupestre, etc). Entre a oralidade e a escrita, ou seja, da Pré-História à Antiguidade, Le Goff aponta transformações da memória coletiva, uma vez que os homens descrevem suas façanhas em monumentos. Já, durante a Idade Média, tendo a Igreja Católica Apóstolica Romana Ocidental o monopólio do cristianismo e, como origem, a tradição judaico-cristã, faz com que a memorização e recordação sejam os mecanismos para a articulação entre o oral e o escrito, cuja memória é marcada em determinadas datas e eventos, legitimando a ação religiosa e, por sua vez, o monopólio da memória como, por exemplo, função de poder. A memória “progride” durante o século XVI, uma vez que a dessacralização da fé e, em contrapartida, a “sacralização” da ciência, faz com que esta última introduza a memorização do saber. Neste sentido, o desenvolvimento dos meios técnicos – como efetiva utilização da imprensa de Gutemberg, por exemplo – evidenciam a utilização prática da memória na justificação dos sistemas de governo, daí as datas cívicas, festas nacionais e uma gama de lembranças que possam ser utilizadas como formas de apropriação da memória em benefício dos Estados Nacionais que então nasciam. Atualmente, para Le Goff, a **memória eletrônica** alargou o conceito de memória ao se deixar evidenciar, isto trouxe benefícios para a própria história, uma vez que tal alargamento coloca a memória como uma das ferramentas metodológicas da história para o grande público de “não historiadores”.

Mais interessante é o problema da **mentalidade da memória**, quando Karl Mannheim liga teoria e mentalidade, estruturas sócias e contexto histórico, diz o judeu-húngaro:

“A estrutura interior da mentalidade de um grupo nunca pode ser apreendida tão claramente, como quando nos esforçamos por compreender a sua concepção de tempo, à luz das suas esperanças, aspirações e desígnios. Uma dada mentalidade não ordena apenas os acontecimentos futuros, com base nestes desígnios, mas também os passados. Os acontecimentos que, à



primeira vista, se apresentam com simples acumulação cronológica, adquirem, deste ponto de vista, o caráter de destino” (1929, p. 151, citado por LE GOFF, 1992, pg. 364)

Ora, o destino dos homens está escrito em seu passado, uma vez que só pode ser construído a partir do antes, já que é uma construção de vir a ser e ninguém é sem antes ter sido. Os historiadores, certamente, constroem a produção do seu saber, não sem erro, porém, não é menos verdade que os indivíduos e os grupos humanos, também, constroem a sua forma de explicar o mundo. Porém, este mundo não é construído do nada, ele sempre parte de um passado, ainda que negado pelos agentes, porém, presente em sua constituição. Ele se dá em um lugar específico, em um espaço próprio; o espaço - não podemos esquecer - está repleto de história. O destino, a memória, a história, enfim, só pode se dar, em última consequência, a partir do presente. Como lembra Norbert Elias ao longo de sua obra: história só se dá entre os indivíduos, ou, por mais engraçado que possa parecer, porém que temos de lembrar constantemente, entre os homens vivos. Os mortos só existem, por exemplo, a partir dos vivos. Segundo o professor Guarinello:

“(...) só existe história, reflexão histórica, a partir do presente. (...) É a própria estrutura do presente, o modo como a realidade se impõe a nós, que municia e guia nosso olhar ao refletirmos sobre o passado. Se a história científica se transforma, não o faz por um simples impulso interno, mas porque o presente também se altera, e rapidamente, porque os suportes tradicionais da memória estão sendo destruídos numa velocidade sem precedentes, porque vivemos num tempo que nos parece vertiginoso e que não conseguimos mais explicar, inteiramente, pelas grandes sínteses de outrora”. (GUARINELLO, 1993, pg. 191)



Hoje vivemos, por exemplo, a justa re-escrita da história através da Comissão Nacional da Verdade, afim de elucidar um dos capítulos trágicos da história do Brasil: a ditadura varguista do Estado Novo (1937/1945) e a ditadura militar do golpe de 64 (1964/85). Muito bem, mas, e se encontrarmos na memória dos grupos sociais e dos indivíduos a percepção de que não houve estas ditaduras, de que o país era melhor com esta estrutura? O que fazemos? Varremos a história para debaixo do tapete? A função do historiador, entre outras, é dar visibilidade – o mais próximo possível – da verdade e, a verdade, como sabemos, é cruel com os seus personagens, pois não permite fugas, ela simplesmente é; por isso, Zeus recusava-se a entrar em conflito com a deusa Clio.

MEMÓRIA PRÁTICA

A prática da memória é exercida pelos indivíduos em relacionamento com o grupo do qual compartilham determinados fatos e acontecimentos. A memória é

permeada por flutuações, transformações e mudanças constantes, como nos ensina Halbwachs (HALBWACHS, 1998). Estamos sentido isto na prática, uma vez que tentamos construir a história de uma instituição escolar agrotécnica, no sul de Minas Gerais, a partir, unicamente, da memória oral de alguns de seus personagens principais, sejam professores (ex-professores), técnicos (ex-técnicos) ou alunos (ex-alunos). Entrevistamos, até o momento deste artigo, sete pessoas. Destas, dois técnicos (um aposentado e outro na ativa) e cinco professores (dois aposentados e três na ativa). Torna-se contundente ouvir as memórias com atenção, pois o entrevistado – talvez por uma relação de cumplicidade entre entrevistador e entrevistado – parte da premissa de que sabemos exatamente o que ele está dizendo, o que não é verdade, uma vez que o entrevistador, por mais que tenha investigado um determinado período histórico ou instituição, jamais saberá qual a “plástica” que constitui a imagem

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



do pensamento na descrição de pessoas, lugares e coisas. O exercício é extremamente interessante, uma vez que nos permite perceber que a história tem várias metodologias e esta é uma metodologia que nos aproxima do tempo histórico das diversas temporalidades que se configuram ao longo dos depoimentos. Mais do que a história de uma pessoa, o que se mostra para o pesquisador é toda uma época de valores e construções sociais, uma sociedade dinâmica, pulsante. Não há – como pode parecer e muitas vezes como é demonstrado na teoria da história – contradição entre a história científica e a história de indivíduos e grupos sociais. Pode haver metodologias diferenciadas para a percepção de narrativas históricas, entretanto, não é menos verdadeira a história narrada por aqueles que viveram a história, não se trata de narrativas de vidas, trata-se de narrativas de conceitos, valores, em uma palavra, de época, que faz com que – por exemplo – a fotografia ganhe vida e um novo significado. Paul Ricoeur, em “Histoire et Verité” (RICOEUR, 1955, PG. 25 – 25), parte da premissa de que é inerente ao trabalho do historiador uma certa subjetividade. Não concordamos que a subjetividade é 100 % efetiva, porém, também não desconhecemos o fato de que é o mais próximo que podemos tentar chegar à verdade, já que somos homens de nossa época, carregando nossas próprias subjetividades do tempo-espaço contemporâneo de que participamos.

“Reconhecer que a história que produzimos é filha de seu tempo e que cada época ou momento produz sua própria representação do passado significa admitir, igualmente, que as verdades que a história produz são relativas, provisórias, que são verdade de e para sua época. Mas esse reconhecimento, por sua vez, não esvazia, necessariamente, todo o conteúdo das verdades que, como diz A. Schaff, são parciais, se acumulam e sobrepõem, mas são ainda verdades”. (GUARINELLO, 1993, pg. 183)

Schmidt e Mahfoud, em artigo aqui citado, diz que a lembrança está inserida em um lugar e que, ao mesmo tempo, é um processo coletivo (MAHFOU & SCHMIDT, 1993, pg.288). Isto é bem verdadeiro, pois, quando entrevistamos, somos confrontados, em todo momento, com o lugar e o grupo de indivíduos, é

Seminário Internacional de Educação Superior 2014

Formação e Conhecimento

Anais Eletrônicos



como se fizéssemos parte daqueles acontecimentos. Ao mesmo tempo, passamos entender que o lugar é o espaço físico da lembrança, guarda aspectos que podem levar a memória à recordação. Mas uma recordação compartilhada, pois várias pessoas dividem o lugar. A lembrança torna-se coletiva. Segundo Halbwachs, lembrar é reconhecer e reconstruir à medida que o reconhecimento é uma forma de sentimento. Ora, para sentirmos, não conseguimos repetir um passado linear, tanto isto é verdade que os depoimentos que estamos organizando, na maioria das vezes, se da em um caos temporal. Resgatar acontecimentos, o que percebemos, é uma forma atual – presente – de localizar o tempo em um determinado espaço com relações sociais precisas. Nem sempre a lembrança é positiva, no entanto, podendo ser bem comprometedora e, ao mesmo tempo, constrangedora. Os sentimentos não desaparecem com o tempo, ficam apenas adormecidos. Muitas vezes, desencadeamos - com nossas perguntas, às vezes ingênuas – situações que nem imaginaríamos existir, mas que, a qualquer momento, vem à tona.



BIBLIOGRAFIA

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 2^a ed., 1986.

GUARINELLO, Norberto Luiz. In: I Congresso de Ciências Humanas das Universidades Federais de Minas Gerais, em São João Del Rei, em maio de 1993.

MAHFOU, Maria L.S. & SCHMIDT, Miguel. In: Psicologia USP, São Paulo, 4 (1/2), p. 285 – 298, 1993.

RECOEUR, Paul. **Histoire et Verité**. Paris, Seuil, 1955.

SCHAF, A. **História e Verdade**. São Paulo, Martins Fontes, 1978.

<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/memoria> – acessado em 11/09/2014, às 11h10